

Coleção Textos – Dirigida por
João Alexandre Barbosa
Roberto Romano
Trajano Vieira
João Roberto Faria
J. Guinsburg

A REPÚBLICA DE PLATÃO

J. GUINSBURG
Tradução e Organização

LUIS ALBERTO MACHADO CABRAL
Revisão Comparada

DANIEL ROSSI NUNES LOPES
Notas

MARIA SYLVIA CARVALHO FRANCO
Introdução

Equipe de realização – Preparação de texto: Marcio Honorio de Godoy; Revisão:
Adriano Carvalho Araújo e Sousa; Ilustração: Sérgio Kon; Projeto de Capa: Adriana
Garcia; Produção: Ricardo W. Neves e Raquel Fernandes Abranches.



- Não – respondeu.
- Mas não sabes que a capacidade de ver e de ser visto necessitam desse terceiro elemento, sim?
- Como assim?
- Admitindo que os olhos sejam dotados da capacidade de ver, que o possuidor desta capacidade se esforce por servir-se dela e que os objetos aos quais ele a aplica sejam coloridos, se não intervier um terceiro elemento, destinado precisamente a este fim, bem sabes que a vista nada perceberá e que as cores serão invisíveis.
- De que elemento falas, pois? – perguntou.
- Daquele que denominas luz – respondi.
- Está certo – observou.
- Assim, o sentido da vista e a capacidade de ser visto se unem por um laço incomparavelmente mais precioso do que aquele que forma as outras uniões, se todavia a luz não for desprezível.
- Mas falta muito, indubitavelmente, para que ela seja desprezível!
- Qual é, pois, de todos os deuses do céu o que podes designar como o senhor disso, aquele cuja luz permite que os olhos vejam da melhor maneira possível e os objetos visíveis sejam vistos?
- Aquele mesmo que tu designarias, assim como todo mundo; pois é o sol, evidentemente, que me pedes nomear.
- Agora, a vista, por sua natureza, não está na seguinte relação com este deus?
- Qual relação?
- Nem a vista é o sol, nem o órgão onde ela se forma, o que chamamos olho.
- Não, por certo.
- Mas parece-me ser o olho, de todos os órgãos dos sentidos, o que mais se assemelha ao sol.
- De longe.
- Pois bem!, a capacidade que lhe é inerente não lhe advém do sol, como emanção deste?
- Mas sim.
- Logo, o sol não é a vista, mas, sendo o seu princípio, é apercebido por ela.
- Sim – anuiu.
- Saiba, portanto, que é a ele que eu chamo filho do bem, que o bem engendrou semelhante a si mesmo. O que o bem é no domínio do inteligível com referência ao pensamento e às coisas percebidas pelo pensamento, o sol o é no domínio do visível com referência à vista e às coisas vistas.

- Como? – inquiriu ele; – explica-mo.
- Como sabes – respondi – os olhos, quando os voltamos para objetos cujas cores não são iluminadas pela luz do dia, mas pelo clarão dos astros noturnos, perdem a acuidade e se tornam quase cegos, como se não fossem dotados de visão nítida.
- Sei muito bem disso.
- Mas, quando os voltamos para objetos iluminados pelo sol, enxergam distintamente e mostram ser dotados de visão nítida.
- Sem dúvida.
- Concebe, pois, que ocorre o mesmo em relação à alma; quando ela fixa os olhares sobre aquilo que a verdade e o ser iluminam, ela o compreende, o conhece, e denota que é dotada de inteligência; mas quando os dirige para o que é mesclado de obscuridade, para o que nasce e perece, sua visão se embota, ela não tem mais do que opiniões, passa incessantemente de uma a outra e parece desprovida de inteligência.
- Com efeito, parece desprovida de inteligência.
- Ora, aquilo que difunde a luz da verdade sobre os objetos do conhecimento e confere ao sujeito conhecedor a capacidade de conhecer, é a idéia do bem⁶⁸; visto que ela é o princípio da ciência da verdade, podes concebê-la como objeto do conhecimento, porém, por mais belas que sejam estas duas coisas, a ciência e a verdade, não te enganarás de modo algum, pensando que a idéia do bem é distinta e as supera em beleza; como, no mundo visível, é certo pensar que a luz e a vista são semelhantes ao sol, mas errado acreditar que sejam o sol, do mesmo modo, no mundo inteligível, é justo pensar que a ciência e a verdade são, ambas, semelhantes ao bem, mas falso acreditar que uma ou outra seja o bem; a natureza do bem há de ser considerada muito mais preciosa.

68. Esse quadro sinóptico resume bem a argumentação de Platão, em J. Adam, *The Republic of Plato*, v. 2, Cambridge, 1980, p. 60:

Mundo Visível (τόνος ὁρατός)	Mundo Inteligível (τόνος νοητός)
(1) Sol	Idéia do bem
(2) Luz	Verdade
(3) Objetos da visão (cores)	Objetos do conhecimento (Idéias)
(4) Sujeito que vê	Sujeito que conhece
(5) Órgão da visão (olhos)	Órgão do conhecimento (voûs)
(6) Faculdade da visão (ôlus)	Faculdade da razão (voûs)
(7) Exercício da visão (ôlus, ôpân)	Exercício da razão (voûs, i.e., νόησις, γνῶσις, ἐπιστήμη)
(8) Habilidade para ver	Habilidade para conhecer